

VERUNSCHK, Micheliney. **Geografia íntima do deserto**. São Paulo: Editora Landy, 2003, 118p.

Por Danielly Cristina Pereira Vieira ¹

Micheliney Verunschck, nascida em 1972, na cidade de Arcoverde, sertão pernambucano, tinha o costume de dormir ouvindo poemas quando criança, passando a escrever suas próprias poesias aos 10 anos. Possui publicações em diversos jornais e revistas nacionais e internacionais, em acervos virtuais como o *Jornal de Poesia* e na antologia *Na virada do século*. Teve seu primeiro livro publicado, *O observador e o Nada*, em 2003, mesmo ano de publicação da sua segunda obra, *Geografia íntima do deserto*, com a qual foi finalista do Prêmio Portugal Telecom, em 2004, e à qual essa resenha é dedicada.

A obra, essa belíssima coletânea, é constituída de 66 poemas, no qual alguns se subdividem, totalizando 72 poemas, sendo intercalados com ilustrações de Jorge Padilha (p. 21, 43 e 77), seguidos de traduções de Marin Sorescu por Luciano Maia (p. 23, 43 e 79) que abordam de alguma forma a arte; tema que circunda toda a obra, passando pela pintura – em poemas como *Frida* e *Vicent* – pela música e pela arte em todo o seu fazer poético, permeada em toda a obra. Os poemas não seguem uma estrutura, no que diz respeito à métrica, ao verso ou até ao tamanho, definida, usando do verso livre para explorar diversas possibilidades na estética.

Filha de uma professora de geografia, Micheliney é graduada em História e pós-graduada em Literatura, o que talvez seja uma das possíveis explicações do desejo pela vastidão deflagrado em *Geografia íntima do deserto*. Não o vasto comum, mas o vasto das maravilhas, miragens e deslumbres do deserto. O vasto deserto fértil e vivo como *uma língua de areia* que cria, modela e dá vida à intimidade, mas sem intromissões intimistas ou de intimidade exacerbada.

O deserto que, tomado por útero dessa obra, dá à luz a poemas repletos de vida que fluem na pulsação poética, incita-nos a reflexão íntima. Possui uma carga sensorial e

¹ Estudante do 7º período de graduação em Licenciatura em Letras na Universidade Federal Rural de Pernambuco.

imagética intensa – pra não dizer “violenta” –, o que cria a necessidade de que o leitor tenha olhos que, além de ler, possa ver e se inserir no poema e nas suas representações.

Com uma linguagem enriquecida com as melhores qualidades do coloquial, seus poemas possuem a característica de se camuflar, no qual a simplicidade da sua linguagem deixa a sensação no leitor desavisado de que o seu significado também seja simples, no entanto, precisa-se atinar o pensamento ao ler *Geografia íntima do deserto*, afogando-se em sua semântica misteriosa, emblemática.

Rainer Maria Rilke, no livro *Cartas a um jovem poeta*, afirma ao jovem Kappus, seu correspondente, que “caso o seu cotidiano lhe pareça pobre, não reclame dele, reclame de si mesmo, diga para si mesmo que não é poeta o bastante para evocar suas riquezas”. E é com intimidades cotidianas, retratando os pequenos momentos do dia a dia, que Micheliny se destaca no fazer poético. Micheliny Verunschik flagra os pequenos instantes diários – uma borboleta na parede, o dormir, a cidade –, explora objetos corriqueiros – bicicleta, relógio, instrumentos musicais, livro, brinquedos – que se justapõem no decorrer do livro, como entulhos no quintal que precisam ser descobertos e, ao mesmo tempo, as vastidões do ser e do mundo.

Micheliny apreende o fugaz e erotiza a realidade banal, seduzindo o leitor. Envolve-o com a intimidade da **infância** (“*Na prateleira mais alta: /bonecas dentro das caixas, /olhos vidrados, /anjos sem asas.*”), do **humanosexoacústico** e da sedução (“*Teu corpo/branco e morno/(que eu deveria dizer sereno) / é para mim/suave e doloroso/como as areias cortantes/dos desertos.*”), da **guerra** (“*Dói no meu bolso o soldado morto/atento em sua morte de plástico.*”), do **amor**, do **medo**, da **música**, do **sono** e **sonho** (“*O imponderável/alimenta/os animais da noite/mas eles permanecem inquietos. /Rondam/farejam/salivam/sobre o meu sono.*”), da **loucura**, da **morte** (“*O menino morto/nem fazia conta/do caixãozinho de brinquedo, /do diadema de flores, /nem da roupa de festa/com que a mãe o vestira/num dia ordinário.*”), do **elemento bíblico** encarnado historicamente; todos intercalados naturalmente, constituindo uma das principais características da poesia de Micheliny: o jogo de mistura de aparentes opostos, o movimento *versus* o estático, os sentimentos entremeados.

É envolta nessas características que Verunschik constrói sua poesia excepcionalmente oral. A oralidade, forte fator nessa obra, faz o poema clamar ser declamado, impulsionando o leitor de forma quase imperceptível a, ao começar sua leitura, pouco a pouco, ir baluciando os versos em uma leitura silenciosa, íntima. O que justifica o sentimento da quase necessidade de se assistir a uma performance poética com esses poemas, tal como Verunschik apresentou em 2007, tomando por base sua obra primeira, *O observador e o Nada*.

Nossa contemporânea de época e de espírito, Micheliny, ao mesmo tempo em que reflete um parentesco estético com o, também pernambucano, João Cabral de Melo Neto, em particular com a *Psicologia da Composição*, diverge dele, ao mesmo tempo, no que diz respeito ao sentido lírico que permeia seu sistema de composição. Consegue o curioso feito de, com João Cabral, divergir convergindo no seu rigor estético, compondo e fazendo confissões às avessas do “*pomar às avessas*”, o qual Micheliny inverte, fazendo que, em *Geografia íntima do deserto*, onde tenha tido “*a severa forma do vazio*” reste hoje a

“palavra”. Micheliny cultiva o deserto de forma contundente, com imagens de impacto, com metáforas cortantes tal como João Cabral, mas com uma lógica oblíqua, diferente da lógica reta cabralina.

Geografia íntima do deserto é poesia das extremidades que circunda e envolve, se insere e arrepiá, uma obra que deve ser lida, ouvida e vivida por todos que apreciam a arte em suas mais distintas formas.